

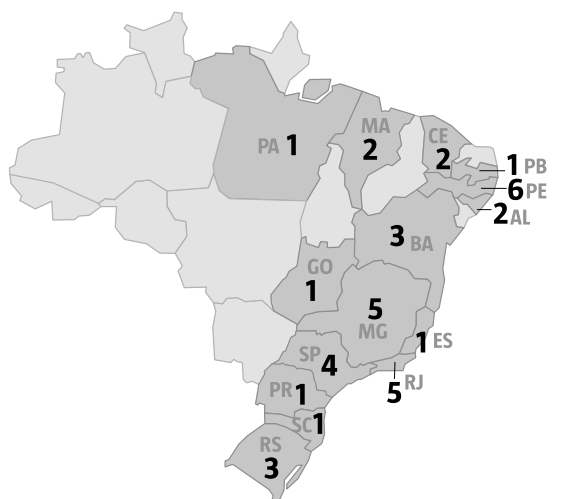


# Num recanto, o mundo

38 NOMES FORAM CITADOS ENTRE OS MELHORES AUTORES BRASILEIROS DE TODOS OS TEMPOS. DESTES 33 SÃO HOMENS E 5 SÃO MULHERES

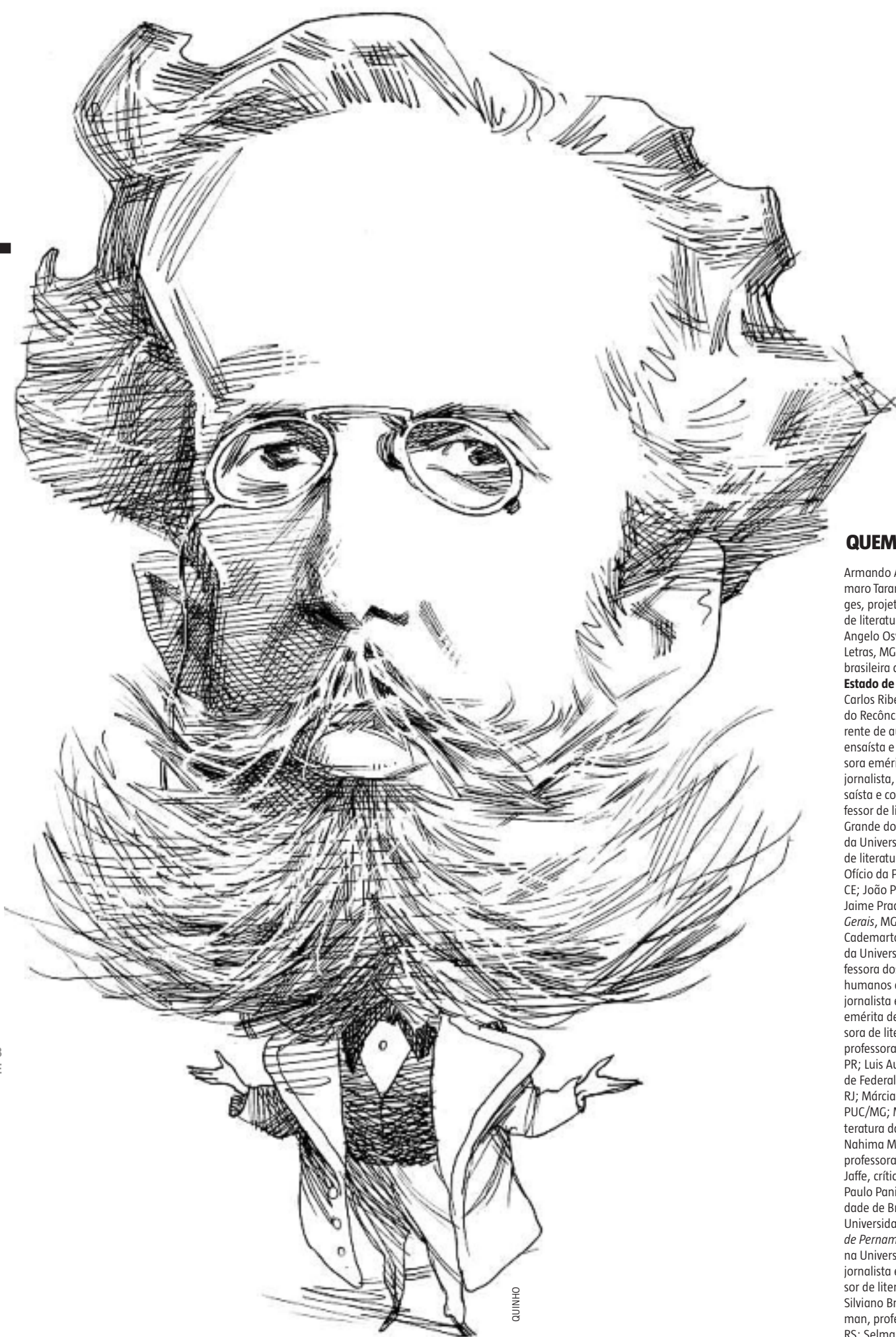
DOS 38 INDICADOS, 13 SÃO POETAS E 25 PROSADORES, SENDO QUE, ENTRE ESTES, ALGUNS TAMBÉM PUBLICARAM LIVROS DE POEMAS. APENAS UM SE TORNOU CONHECIDO PRINCIPALMENTE PELA OBRA TEATRAL, NELSON RODRIGUES (QUE FOI TAMBÉM CRÔNISTA, MEMORIALISTA E CONTISTA)

## DISTRIBUIÇÃO POR ESTADO DOS MAIS IMPORTANTES ESCRITORES BRASILEIROS DE TODOS OS TEMPOS



## MAIORES ESCRITORES BRASILEIROS DE TODOS OS TEMPOS (POR ORDEM DE VOTAÇÃO)

- 1) MACHADO DE ASSIS, Rio de Janeiro (1839 - 1908)
- 2) GUIMARÃES ROSA, Minas Gerais (1908 - 1967)
- 3) CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, Minas Gerais (1902 - 1987)
- 4) GRACILIANO RAMOS, Alagoas (1892 - 1953)
- 5) CLARICE LISPECTOR, nascida na Ucrânia, viveu em Pernambuco e no Rio de Janeiro (1920 - 1977)
- 6) JOÃO CABRAL DE MELO NETO, Pernambuco (1920 - 1999)
- 7) CASTRO ALVES, Bahia (1847 - 1891)
- 8) GREGÓRIO DE MATOS, Bahia (1636 - 1696)
- 9) EUCLIDES DA CUNHA, Rio de Janeiro (1866 - 1909)
- 10) CECÍLIA MEIRELES, Rio de Janeiro (1901 - 1964)
- 11) CAIO FERNANDO ABREU, Rio Grande do Sul (1948 - 1996)
- 12) ERICO VERISSIMO, Rio Grande do Sul (1905 - 1975)
- 13) GONÇALVES DIAS, Maranhão (1823 - 1864)
- 14) LIMA BARRETO, Rio de Janeiro (1881 - 1922)
- 15) NELSON RODRIGUES, Pernambuco (1912 - 1980)
- 16) OSWALD DE ANDRADE, São Paulo (1890 - 1954)
- 17) CRUZ E SOUSA, Santa Catarina (1861 - 1898)
- 18) JOSÉ DE ALENCAR, Ceará (1829 - 1877)
- 19) MANUEL BANDEIRA, Pernambuco (1886 - 1968)
- 20) DALTON TREVISAN, Paraná (1925)
- 21) AUTRAN DOURADO, Minas Gerais (1926 - 2012)
- 22) HILDA HILST, São Paulo (1930 - 2004)
- 23) LÚCIO CARDOSO, Minas Gerais (1913 - 1968)
- 24) JOÃO UBALDO RIBEIRO, Bahia (1941)
- 25) JORGE DE LIMA, Alagoas (1895 - 1953)
- 26) JOSÉ LINS DO REGO, Paraíba (1901 - 1957)
- 27) IYGIA FAGUNDES TELLES, São Paulo (1923)
- 28) RUBEM BRAGA, Espírito Santo (1913 - 1990)
- 29) SOUSÂNDRADE, Maranhão (1832 - 1902)
- 30) CARLOS PENA FILHO, Pernambuco (1929 - 1960)
- 31) MÁRIO DE ANDRADE, São Paulo (1893 - 1945)
- 32) MOACYR SCLAIR, Rio Grande do Sul (1937 - 2011)
- 33) OSMAN LINS, Pernambuco (1924 - 1978)
- 34) RACHEL DE QUEIRÓS, Ceará (1910 - 2003)
- 35) RUBEM FONSECA, Minas Gerais (1925)
- 36) VINÍCIUS DE MORAES, Rio de Janeiro (1913 - 1980)
- 37) DALCÍDIO JURANDIR, Pará (1909 - 1979)
- 38) HUGO DE CARVALHO RAMOS, Goiás (1895 - 1921)



## QUEM VOTOU

Armando Antenore, redator-chefe da revista *Bravo*, SP; Aude-maro Taranto, professor de literatura da PUC/MG; Afonso Borges, projeto *Sempre um papa*, MG; Aleilton Fonseca, professor de literatura da Universidade Estadual de Feira de Santana, BA; Angelo Oswaldo, jornalista, membro da Academia Mineira de Letras, MG; Benjamin Abdala Jr., professor titular de literatura brasileira da USP, SP; Carlos Marcelo, editor-chefe do jornal *Estado de Minas*, MG; Cláudio Willer, jornalista e ensaísta, SP; Carlos Ribeiro, professor de jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo Baiano, BA; Claudiney Ferreira, jornalista e gerente de audiovisual do Itaú Cultural, SP; Ézio Macedo Ribeiro, ensaísta e crítico literário, DF; Eneida Maria de Souza, professora emérita de literatura brasileira da UFMG; Edgard Murano, jornalista, editor da revista *Metáfora*, SP; Francisco Bosco, ensaísta e colunista de *O Globo*, RJ; Flávio Laureiro Chaves, professor de literatura brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS; Fernanda Coutinho, professora de literatura da Universidade Federal da Paraíba, PB; Ivety Walty, professora de literatura brasileira da PUC/MG; José Eduardo Gonçalves, Ofício da Palavra, MG; Jorge Pieiro, ensaísta e crítico literário, CE; João Paulo, editor de *Cultura do Estado de Minas*, MG; Jaime Prado Gouvêa, editor do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, MG; Josélia Aguiar, jornalista e crítica literária, SP; Lígia Cademartori, doutora em teoria da literatura e ex-professora da Universidade de Brasília, DF; Lucília de Almeida Neves, professora dos cursos de pós-graduação em história e direitos humanos da Universidade de Brasília, DF; Luciana Vilas-Boas, jornalista e agente literária, RJ; Letícia Malard, professora emérita de literatura da UFMG; Leyla Perrone-Moisés, professora de literatura da Universidade de São Paulo, SP; Luci Collin, professora de literatura da Universidade Federal do Paraná, PR; Luis Augusto Fischer, professor de literatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS; Lúcia Riff, agente literária, RJ; Márcia Marques de Moraes, professora de literatura na PUC/MG; Maria Adélia Menegazzo, professora de teoria da literatura da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, MS; Nahima Maciel, do *Correio Braziliense*, DF; Nínia Parreiras, professora de literatura da Estação das Letras/FNLIJ, RJ; Noemi Jaffe, crítica literária e professora de literatura da PUC/SP; Paulo Paniago, jornalista e professor de literatura da Universidade de Brasília, DF; Piero Eyben, professor de literatura da Universidade Federal de Brasília, DF; Paulo Goethe, do *Diário de Pernambuco*, PE; Raquel Naveira, professora de literatura na Universidade Anhembi-Murumbi, SP; Ronaldo Cagiano, jornalista e crítico literário, SP; Rinaldo de Fernandes, professor de literatura da Universidade Federal da Paraíba, PB; Ruth Silvano Brandão, professora emérita da UFMG; Regina Zilberman, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS; Selma Caetano, curadora do Prêmio Portugal Telecom de Literatura, SP; Sonia Torres, professora de literatura e língua portuguesa da Universidade Federal Fluminense, RJ; Suzana Vargas, produtora cultural da Estação das Letras, RJ; Suênio Campos de Lucena, ensaísta e crítico literário, BA; Sérgio de Sá, professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, DF; Severino Francisco, do *Correio Braziliense*, DF; Wander Melo Miranda, professor de literatura da UFMG.

## João Paulo

No soneto que escreveu para a mulher, Carolina, Machado de Assis (1839-1908) definiu em um verso o trabalho de sua vida: "E num recanto pós um mundo inteiro". Nascido no Rio de Janeiro, cidade da qual não se afastou mais de 200 quilômetros, o escritor não apenas realizou a mais importante obra de nossas letras como alcançou um grau de universalidade único. Clássico na expressão, tudo em Machado parece ser atravessado pela ambiguidade. Talvez por isso, mais de um século depois de sua morte, ele não apenas parece moderno como desafia a compreensão da crítica e alimenta a admiração de leitores em todo o mundo. Um grande autor reflete seu tempo. Os gênios criam sua posteridade.

Todos os leitores brasileiros passam pela experiência de ler Machado de Assis no colégio. Muitas vezes, ao retornarem à leitura na maturidade, ficam impressionados. Esse senso de estranhamento e descoberta, no sentido metafórico, acompanhou a sociedade brasileira em sua capacidade de compreensão de nosso maior escritor. Sua época, como um adolescente, reconheceu no autor de *Dom Casmurro* os méritos da linguagem, da narração e do sentido psicológico. No entanto, à medida que o tempo corria, a leitura de Machado foi encontrando outros valores e sutilezas.

O retratista do Segundo Reinado foi também seu maior crítico e mais acurado intérprete de nos-

sas mazelas. No que seria mais uma ambiguidade do escritor, o que pareceu a muitos certo distanciamento e alienação das questões sociais e políticas foi, na verdade, a invenção de um modo de expressão próprio, marcado pela ironia, originalidade e acurada leitura política, capaz de perceber o descompasso entre a realidade e as ideias que a sustentavam. Vivíamos com a carne escravista e patriarcal uma sociedade em que a liberdade só habitava a mente das elites.

O estilo do escritor é mais um exemplo da riqueza ambígua de sua presença em nossa cultura. Mesmo tendo se tornado um modelo de expressão, pela elegância e humor, o estilo machadiano parece negar o tempo todo sua própria origem. Mesmo se exprimindo prioritariamente pela ficção, tanto no romance como no conto, Machado nunca o fez por mero entretenimento. Sua prosa reflexiva deixava sempre no ar "certas perplexidades não resolvidas", na expressão do crítico Antonio Candido.

Todos esses aspectos parecem se unir para dar conta do projeto do escritor. Machado, no seu arcaísmo aparente, sempre foi moderno; em seu classicismo perfeito, abriu espaço para o experimentalismo com a linguagem. Mas nada disso é mais importante que seu empenho em colocar em letra os grandes temas brasileiros e universais que compõem sua obra. E é exatamente o fato de não se prender às modas (inventando outra expressão a partir do molde clássico) e às demandas chiffrins de sua época (colocando em foco ques-

tões universais) que Machado de Assis garante o lugar de interesse que hoje desperta no mundo, como comprovam a admiração de nomes como Susan Sontag e Harold Bloom, entre outros.

Se o leitor do século 19 conheceu o estilista, o século 20 o filósofo e o psicólogo, ficou para o nosso tempo a grande tarefa de um olhar amplo sobre a obra do escritor. Seguindo a inspiração de Antonio Candido, as grandes provocações que emanam da obra machadiana talvez sejam a questão da identidade (e da loucura), acerca da relação entre o fato real e imaginado, sobre o sentido da ação no mundo, e em relação aos limites postos à realidade para a construção de uma sociedade mais justa e de homens mais livres. Machado de Assis tocou em todos esses temas, que parecem tão presentes no mundo de hoje, por meio de personagens como Brás Cubas, Capitu, Pestana e Bacamarte.

Machado é moderno por antecipação: pôs a linguagem acima do enredo, equilibrou imaginação e entendimento, criou uma narrativa em fractais, fez do diálogo irônico e do contato com o leitor um modo de expressão que antecipou seus pares europeus em matéria de técnica. O que é revolução na forma é ainda mais surpreendente na essência, sobretudo em seu caráter crítico das nossas usanças em política e organização social. O monarquista Machado de Assis foi nosso mais revolucionário adversário da alienação. E fez tudo isso sem sair do Rio de Janeiro. Num recanto, o mundo inteiro.